



“O que você acha?”

Boletim trimestral da
Comunidade de Obreiros
em Informações para Missões

Volume 16, Número 3, Julho 2026

A Mudança Chegou Uma metamorfose está em andamento

Por Estefânia Kraft

Este boletim é o penúltimo de uma sequência de quinze anos de comunicações formatadas, distribuídas pela *Comunidade de Obreiros em Informações para Missões* —

CMIW. Ele começou como uma publicação eletrônica em inglês, com uma lista de distribuição de aproximadamente cem pessoas; atualmente, chega a mais de novecentos destinatários, em três idiomas. Durante esses anos, a comunicação ocorreu, em grande parte, de forma unilateral, sendo enviada pela Equipe Editorial da CMIW aos seus leitores. Olhando para o futuro, oramos para que ela se torne um compartilhamento mais colaborativo. Apresentamos, a seguir, as razões para essa transformação:

- 1) Atualmente, as informações relacionadas à pesquisa sobre a Igreja e missões estão sendo avaliadas e, de certa forma, controladas por um grupo relativamente pequeno de pessoas interessadas. Sempre houve um forte desejo de que essas comunicações fossem consistentes, mútuas, multidirecionais e oportunas. Sentimos que ainda não alcançamos esse objetivo. Cremos que podemos melhorar.
- 2) Hoje existem ferramentas que incentivam e facilitam uma comunicação mais ágil. Textos, gráficos, imagens, gravações e diversos tipos de mensagens podem ser compartilhados quase instantaneamente, com excelentes recursos de tradução. Um boletim formatado já não é a melhor maneira de estimular a circulação de ideias e o fortalecimento dos relacionamentos.
- 3) Reconhecemos, com humildade, que nossos boletins trimestrais têm ficado cada vez mais longos. A quantidade de excelentes iniciativas ministeriais realizadas por profissionais da área de informação cresce constantemente. Nossa Equipe Editorial tem desejado destacar um número cada vez maior dessas iniciativas. Entretanto, nosso modelo de publicação de quatro edições por ano acabou nos levando a produzir boletins cada vez mais extensos, o que, na prática, torna sua leitura e assimilação mais difíceis. Comunicações mais frequentes e mais breves seriam melhores.
- 4) De modo geral, o e-mail tem se tornado um sistema cada vez mais problemático. Há filtros demais ou filtros insuficientes, caixas de entrada excessivamente cheias e uma enorme quantidade de spam. Podemos utilizar plataformas de mensagens mais adequadas.



5) Quinze anos é muito tempo para que um meio de comunicação permaneça atualizado e relevante. Precisamos de uma renovação: uma abordagem mais atual, mais ágil e mais participativa, que fortaleça e mantenha nossa comunidade bem-informada.

O que vem a seguir?

O Hub de Ação Colaborativa da Rede Temática de **Pesquisa e Informação Estratégica do Movimento de Lausanne**

O Hub de Ação Colaborativa é uma plataforma de relacionamento e colaboração, com participação voluntária, que permite a interação em tempo real entre seus membros. Ela está sendo disponibilizada gratuitamente à nossa comunidade.



Creemos que essa plataforma poderá promover a participação mais ágil que desejamos. Ela inclui um espaço dedicado à Rede Temática de Pesquisa e Informação Estratégica. Utilizaremos esse ambiente para compartilhar uns com os outros informações sobre nossas atividades de pesquisa missionária e também sobre iniciativas de outras pessoas e organizações.

Este é o seu convite. Para participar das conversas, será necessário criar uma conta. Pedimos que você acesse:

<https://collaborate.lausanne.org/share/YG8Pd9YeGDG3ErhM?utm>

Crie sua conta e inclua um breve perfil pessoal e profissional. Ao fazer isso, você também poderá conhecer os perfis de outras pessoas de nossa comunidade. Por favor, faça isso agora. Mensagens produzidas pelos mais de 260 membros que já participam do Hub estão sendo compartilhadas, e você poderá visualizá-las e comentá-las imediatamente. Explore a lista de membros e comece a estabelecer conexões, compartilhar informações e construir relacionamentos.

A Equipe Editorial e os Catalisadores de Lausanne já começaram a orar para que consigamos transferir com sucesso todos os atuais destinatários do boletim para o Hub de Ação Colaborativa. Por favor, una-se a nós.

Definições Estratégicas de Dados

Há uma década — veja a edição de janeiro de 2016 de “**O que você acha**” — iniciamos uma conversa sobre definições. Os colaboradores daquele boletim escreveram sobre “grupos de pessoas - povos”, “blocos de afinidade” e até mesmo “mártires”. Concordamos que as definições eram essenciais para todo e qualquer tipo de análise. Afinal, como poderíamos somar dados, calcular proporções, traçar tendências ou formular sugestões estratégicas em conjunto, se não tivéssemos um entendimento comum sobre aquilo de que estávamos falando?

Nossa atual Equipe Editorial decidiu que, nesta última edição do boletim da CMIW publicada em seu formato completo, daríamos às “definições” mais uma volta pela pista de dança. Convidamos três colaboradores para compartilhar suas convicções a respeito de

três termos fundamentais para a pesquisa sobre a Igreja e missões na atualidade: “evangélico”, “Igreja” e “Sul Global”. Como sempre, gostaríamos muito que nossa comunidade interagisse e dialogasse sobre essas e outras definições essenciais.

O Hub de Ação de Lausanne nos oferecerá amplo espaço e muitas oportunidades para fazermos exatamente isso!

Evangélicos

Por Chris Maynard

Depois de vinte anos ajudando redes globais em suas decisões sobre o envio e a distribuição de obreiros, estou convencido de que qualquer estratégia global precisa levar em consideração a ordem que Jesus nos deu: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua seara.” (Mateus 9.37-38) Eu diria que isso se aplica igualmente a uma estratégia regional destinada a alcançar uma área com, digamos, um milhão de pessoas ou mais.

Alguns dirão que não deveríamos ter uma estratégia, mas depender das orientações diárias do Espírito Santo. Outros afirmarão que deveríamos apenas orar e deixar o envio nas mãos de Deus. Eles têm argumentos válidos, que não tenho espaço para desenvolver aqui. Por ora, porém, partirei do pressuposto de que, como cooperadores de Deus, ele deseja que assumamos também as suas preocupações e consideremos uma estratégia de envio.

Quais seriam, então, os dados mínimos necessários para sustentar essa estratégia? Eles precisariam responder a três perguntas:

- * Onde a seara é grande?
- * Onde há poucos trabalhadores?
- * Onde estão os trabalhadores que poderiam ser enviados?



Responder a essas perguntas significa levar a sério outra ordem de Jesus: “Abram os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita.” (parte de João 4.35)

A medida mais importante para avaliar “a seara” é a população. São as pessoas que Deus deseja salvar: todas as pessoas, toda a população. Veja Ezequiel 33.11, caso tenha alguma dúvida. Podemos elaborar análises mais sofisticadas e complexas, mas, como se

atribui a Einstein, “tudo deve ser tornado tão simples quanto possível, mas não mais simples do que isso”.

A medida mais importante para avaliar “os trabalhadores” é mais discutível. Quando comecei a pensar em estratégias para a Igreja, escolhi considerar os “cristãos” como trabalhadores em potencial. Gosto de ser abrangente e inclusivo. No entanto, a categoria “cristãos”, na maioria dos bancos de dados missionários, é ampla demais.

Os dados sobre “cristãos” incluem todos os que afirmam ser cristãos. Isso abrange cristãos culturais que não possuem qualquer ligação significativa com uma igreja. Também inclui grupos sectários, como mórmons e Testemunhas de Jeová. Os cristãos culturais podem se apegar à sua identidade, mas dificilmente tomarão a foice para trabalhar na colheita. Os sectários podem até ser trabalhadores, mas estariam recolhendo o trigo nos celeiros corretos?

Os líderes da segunda rede global para a qual trabalhei insistiram que eu considerasse como “trabalhadores” os “evangélicos”, conforme definidos e contabilizados pela *Operation World*. Eles entendiam que eram essas pessoas que poderiam ser mobilizadas para plantar igrejas. Esse número pode ser muito menor do que o número total de cristãos, especialmente na América Latina e na Europa. A princípio, adotei essa abordagem simplesmente em submissão aos líderes, mas logo passei a compreender sua sabedoria. A sabedoria não está na palavra “evangélico”. Essa palavra pode ser facilmente mal compreendida e gerar controvérsia. A sabedoria está, na verdade, na definição utilizada pela *Operation World*. Pelo que entendo, as sementes dessa definição foram lançadas por meio do discurso de Billy Graham no Congresso de Lausanne de 1974. Veja meu artigo sobre esse discurso:

<https://lausanne.org/about/blog/billy-grahams-strategic-blueprint>

Essas ideias foram desenvolvidas por meio do Movimento de Lausanne, e a definição foi colocada em prática por Patrick Johnstone na *Operation World* já em 1980. Mais tarde, David Bebbington conferiu credibilidade acadêmica a uma definição bastante semelhante em sua obra histórica, embora sem endossá-la explicitamente. Em 2010, a definição havia sido ainda mais aprimorada. Veja as páginas 958 e 959 da sétima edição de *Operation World*.

Os quatro fundamentos dessa definição são extremamente importantes:

1. Se não cremos na Bíblia, não temos uma mensagem com a qual evangelizar.
2. Se não cremos que as pessoas estão perdidas sem a obra de Cristo na cruz, não temos necessidade de evangelizar.
3. Se não conhecemos o poder da conversão, não temos motivação para evangelizar.
4. Se não colocamos essas convicções em prática por meio de uma atuação ativa, não temos compromisso com a evangelização.

Sempre que utilizo esses dados em apresentações ou publicações, procuro reduzir possíveis mal-entendidos citando a definição da *Operation World*: “Os evangélicos são, em sua maioria, protestantes, independentes ou anglicanos, mas alguns são católicos ou ortodoxos.” O rótulo não é o mais importante. A definição é. Isso é o mais próximo que podemos chegar de identificar o coração e o espírito de nossa fé compartilhada e as qualificações básicas necessárias para os trabalhadores nos campos da seara do Senhor.

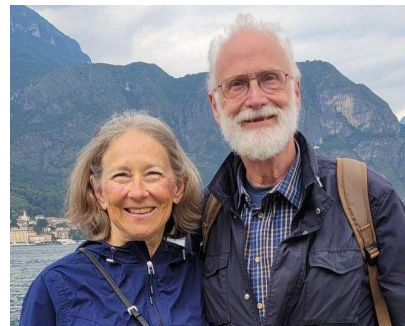


O que é uma Igreja?

Por Murray Moerman



Ao orarmos para que venha o Reino de Deus e acompanharmos o avanço rumo ao cumprimento da Grande Comissão, reconhecemos que a “Igreja” é como um prisma multicolorido, belo na medida em que a luz da presença de Cristo resplandece nela e por meio dela, sua noiva. A Igreja não é o Reino de Deus. Ela é, antes, o instrumento divino-humano por meio do qual o Reino, pela graça de Deus, se torna presente e visível no mundo, manifestando amor, compaixão, serviço, comunhão e esperança, mesmo em meio ao sofrimento e à perseguição. Nesse sentido, a Igreja ocupa uma posição penúltima em relação ao Reino, até a Parousia, isto é, a volta de Cristo.



Quando Jesus fala da **ekklesia** em Mateus 16.18, entendemos que ele se refere àqueles que foram chamados para fora do mundo a fim de viver em lealdade à legítima autoridade de Deus. Ed Silvoso sugere que os discípulos, que ouviram pela primeira vez a palavra **ekklesia** dos lábios de Jesus, conheciam bem o uso romano desse termo. Ele designava cidadãos enviados antecipadamente a um novo território para viver sob a autoridade de César, demonstrando os costumes e os valores daquele império até a chegada do imperador. Assim, quando Jesus usa a palavra **ekklesia**, ela se refere à comunidade da salvação que aponta para o senhorio de Cristo, manifesta parcialmente o Reino de Deus que há de vir e atua como precursora do convite de Cristo para que todos recebam o Rei que está por vir.

Uma igreja em formação começa a surgir quando “dois ou três estão reunidos em seu nome”. Ela é composta por pessoas nas quais habita o Espírito de Cristo e, por isso, já é uma realidade sobrenatural. Essa igreja em formação pode ser pequena e talvez nem possua um local fixo para se reunir. Ainda assim, a noiva de Cristo já é uma comunidade que adora, faz discípulos e vive em missão, acolhendo aqueles que se aproximam para conhecer. Embora pequena, ela também carrega, de forma embrionária, a capacidade de gerar, em um futuro próximo, uma nova célula do Corpo de Cristo.

Aqueles que se colocam sob a liderança de Cristo, o Cabeça dessa nova comunidade, serão batizados e celebrarão regularmente a realidade de Cristo neles por meio dos símbolos de seu sangue e de seu corpo, nossa esperança da glória.

Cada uma dessas células do Corpo de Cristo é uma realidade que pode ser contabilizada, e cada uma delas é importante, pois representa um avanço em direção ao cumprimento da Grande Comissão. É importante contar tanto o número de células do Corpo de Cristo quanto o número de discípulos batizados que se reúnem regularmente com o propósito de expandir o Reino de Deus. Fazer isso permite medir o progresso e a capacidade para a missão.

Em nosso mundo caído e, por vezes, perigoso, a Igreja também funciona como uma cápsula de proteção ou um bote salva-vidas. As comunidades beneditinas são amplamente reconhecidas por terem cumprido essa função durante e após a desintegração e o colapso do Império Romano. Enquanto impérios mundiais continuam a surgir e desaparecer, e cresce o número de refugiados e de pessoas deslocadas dentro de seus próprios países, a igreja local acolhe e incorpora aqueles que estão em situação de crise à cápsula de vida de Cristo, à arca ou ao barco de resgate neste mundo, preparando-os também para o mundo vindouro.

Por fim, sugiro que os debates sobre o tamanho mínimo necessário para que uma igreja seja considerada viável sejam deixados de lado. Em seu lugar, deveríamos cultivar intencionalmente dois compromissos vitais: a intenção de permanecer e a intenção de se reproduzir. Por que essas intenções, embora não sejam facilmente visíveis ou mensuráveis, são mais importantes do que o tamanho, que pode ser visto e medido? Porque um grupo de oração, estudo bíblico ou adoração que não esteja firmemente comprometido em permanecer e se reproduzir acabará chegando ao fim. Por outro lado, um grupo que tenha a intenção de permanecer e se reproduzir, seja ele atualmente grande ou pequeno, prolonga e multiplica o fluxo vivificante da luz de Cristo em nosso mundo necessitado — uma luz vivida, adorada e servida. Não seria essa a Igreja da qual Jesus falou e que os primeiros discípulos trabalharam para estabelecer?

O Dr. Murray Moerman serviu como plantador de igrejas e foi o líder fundador de GCPN.info e Collaborate2Saturate.org. Acima de tudo, celebra cinquenta anos de um casamento marcado por apoio mútuo com Carol, sua parceira no Reino e mãe de seus cinco filhos, todos casados.

Missões no Sul Global

Por Bert Hickman

O primeiro uso documentado da expressão “Sul Global” ocorreu em um artigo de 1969, escrito pelo ativista Carl Oglesby e publicado na revista católica liberal “Commonweal”. Nesse texto, ele argumentou que séculos de domínio do Norte sobre “o Sul Global” haviam convergido para produzir uma ordem social intolerável.[1]



A ideia de uma divisão entre Norte e Sul ganhou força com a publicação, em 1980, de *North-South: A Programme for Survival* — em português, Norte-Sul: um programa para a sobrevivência —, também conhecido como “Relatório Brandt”. O documento foi produzido por uma comissão presidida pelo ex-chanceler da Alemanha Ocidental Willy Brandt.

O relatório é lembrado principalmente pela chamada Linha Brandt, que dividia o mundo entre o Norte — formado sobretudo pela Europa e América do Norte, mas também por Japão, Austrália e Nova Zelândia — e o Sul — composto pela África, pela maior parte da Ásia, pela América Latina e pelo Caribe. Essas regiões eram classificadas, respectivamente, como desenvolvidas e em desenvolvimento, com base no Produto Interno Bruto por habitante.[2]

Apesar de sua crescente popularidade ao longo do final do século XX e do início do século XXI, a expressão demorou relativamente a ser adotada nos círculos acadêmicos. Em 2004, por exemplo, ela apareceu em menos de duas dezenas de publicações nas áreas de ciências sociais e humanidades. Em 2013, porém, já era utilizada em centenas de publicações.[3] Esse aumento no uso contrastava com expressões mais antigas, como “Terceiro Mundo” e “mundo em desenvolvimento”, que, para muitas pessoas, haviam se tornado praticamente sinônimas de “mundo pobre”. [4]

Sua adoção nos círculos cristãos também permaneceu relativamente limitada durante muitos anos. Um exemplo é a organização anglicana “Global South”, atualmente conhecida como *Global South Fellowship of Anglican Churches* — Comunhão das Igrejas Anglicanas do Sul Global —, cujas origens remontam a 1994. Um avanço importante na popularização da expressão ocorreu por meio do trabalho de Philip Jenkins. Seus livros *The Next Christendom: The Rise of Global Christianity* — A próxima cristandade: a ascensão do cristianismo global —, publicado em 2002, e *The New Faces of Christianity: Believing the Bible in the Global South* — As novas faces do cristianismo: crendo na Bíblia no Sul Global —, publicado em 2006, apresentaram o termo a um público amplo ao documentarem o deslocamento do centro do cristianismo do Norte Global para o Sul Global. Jenkins desenvolveu ideias presentes no trabalho de David Barrett, autor da *World Christian Encyclopedia* — Enciclopédia Mundial do Cristianismo —, publicada em 1982. Barrett foi provavelmente a primeira pessoa a explicar claramente o deslocamento do cristianismo para o Sul Global, embora não tenha utilizado essa expressão.[5]

Embora atualmente seja amplamente empregada em diferentes áreas, a expressão “Sul Global” não está isenta de críticas. Uma delas é o fato de nunca ter existido uma lista definitiva dos países que compõem exatamente o Sul Global. Além disso, como já mencionado, nem todos os países considerados parte do Sul Global estão localizados no sul geográfico, e nem todos os países situados no sul geográfico fazem parte do Sul Global. Com o passar do tempo, a expressão também passou a adquirir algumas das mesmas características dos conceitos que pretendia substituir, como “Terceiro Mundo” e “mundo em desenvolvimento”. Uma crítica ainda mais significativa é que o termo reúne, em uma única e ampla categoria, países com culturas, economias e sistemas políticos muito distintos.[6]

Expressões como “cristianismo do Sul Global” têm sido criticadas por razões semelhantes. Uma das consequências dessas críticas foi o surgimento da proposta de se falar em “cristianismos do Sul Global”, no plural. Contudo, o espaço disponível não permite discutir esse conceito neste texto.

Bert Hickman é diretor de Pesquisa da RUN Ministries

[1] Carl Oglesby, “After Vietnam, What?” *Commonweal*, 21 March 1969, p. 11.

[2]<https://www.bisa.ac.uk/articles/brandt-line-after-forty-years-more-north-south-relations-change-more-they-stay-same>

[3]https://www.academia.edu/7917466/The_Use_of_the_Concept_Global_South_in_Social_Science_and_Humanities. See also

<https://carnegieendowment.org/research/2024/05/global-south-colonialism-imperialism>, where the corresponding figures from the Scopus database are 1 in 1994, 30 in 2005, and more than 1,600 in 2020.

- [4]https://gssc.uni-koeln.de/sites/BiPoN/user_upload/4_THE_GLOBAL_SOUTH_voices012_015_concepts_of_the_global_south_Kopie.pdf
- [5]https://www.academia.edu/45634970/More_than_Numbers_David_B_Barrett_and_the_Twentieth_Century_Historiography_of_World_Christianity
- [6] <https://carnegieendowment.org/research/2024/05/global-south-colonialism-imperialism>



Conferência Virtual dos Obreiros de Informações para Missões 2026 Destacando pesquisas para gerar maior impacto no Sul Global

*Pela Equipe de Planejamento da Conferência: Willie Botha,
Dan Eyestone e Lee Holcombe*

A quinta Conferência Virtual Anual dos *Obreiros em Informações para Missões* foi realizada on-line entre os dias 8 e 10 de junho. A programação teve duas horas de duração por dia, acrescidas de trinta minutos destinados a interações informais entre os membros da comunidade, antes e depois do programa oficial de cada dia. Foram realizadas três apresentações diariamente, seguidas de aproximadamente meia hora dedicada ao relacionamento entre participantes por regiões geográficas ou a sessões de perguntas e respostas com os palestrantes do dia. A programação deste ano foi organizada a partir de um convite feito a todos os participantes inscritos em edições anteriores, para que enviassem propostas de apresentações sobre pesquisas que vinham realizando. Recebemos mais propostas de qualidade do que seria possível incluir na conferência. Neste ano, a programação deu menos ênfase ao desenvolvimento de habilidades básicas de pesquisa e concentrou-se mais em uma mentalidade de pesquisa fundamentada na Bíblia, na apresentação de diferentes projetos e de como foram realizados, além de dedicar atenção especial ao relacionamento entre participantes de uma mesma região geográfica. Os participantes foram abençoados pela ênfase presente em várias apresentações, que direcionaram a comunidade não apenas para pesquisas melhores, capazes de aumentar a eficácia dos programas ministeriais, mas também para um impacto maior na vida das pessoas a quem servimos.

A equipe de planejamento da conferência ficou muito satisfeita por contar, em cada dia, com pelo menos um palestrante não ocidental. Um deles apresentou em português, o que exigiu interpretação simultânea para o inglês, idioma da maioria dos participantes. Esperamos que isso reforce nosso desejo de que esta seja, verdadeiramente, uma comunidade global e aberta a todos.

O Senhor respondeu às nossas orações e abençoou nosso esforço de dois anos voltado ao fortalecimento das conexões entre os participantes. Como resultado, os africanos anglófonos presentes na conferência se reuniram e formaram um grupo regional para

interação e encorajamento contínuos. Louvem ao Senhor conosco por esse desenvolvimento positivo e orem para que ele sustente e abençoe esse grupo.

A participação diária na conferência ficou pouco abaixo de cem pessoas, representando pouco menos da metade do total de inscritos. Ainda assim, essa foi uma porcentagem de participação superior à registrada nos últimos anos.

Agradecemos a cada pessoa que participou e contribuiu com sua presença, suas interações e suas orações. Que vocês sejam encorajados a cultivar e aprofundar, durante o restante deste ano, as conexões pessoais iniciadas durante a conferência.

“Reserve esta data — esperamos você lá!”

Participe conosco no dia **2 de setembro de 2026, às 13h00 UTC**, para o tão aguardado mini-encontro da Conferência Virtual dos Obreiros em Informações para Missões.



O Sr. Allan Starling apresentará **“Desobstruindo o fluxo do Evangelho” (“Unplugging the Gospel Pipeline”)**, sobre como abrir o fluxo de recursos para missionários e evangelistas.

Em breve, você receberá por e-mail o convite da equipe da Conferência Virtual MIW. (miwvcon@gmail.com). Esperamos você lá!

Entrevista especial: Estefânia Kraft

À medida que a Equipe Editorial da CMIW encerra sua série de quinze anos de boletins trimestrais, convidamos Estefânia Kraft, facilitadora da Equipe Editorial, para completar nossa coleção de “Entrevista Especiais” com sua própria história de envolvimento pessoal no trabalho com informações missionárias. Você conhecerá como seus quarenta e um anos de pesquisa sobre Igreja e missões lhe proporcionaram grande satisfação, além de uma rede mundial de parceiros e amigos.

1) [CMIW] Por favor, conte-nos sobre você e sua família.

Nasci em Nova York, em 1955. Minha mãe era uma pessoa deslocada da Polônia no período posterior à Segunda Guerra Mundial, e meu pai era filho de poloneses, pertencente à primeira geração de sua família nascida nos Estados Unidos. Cresci em Nova York com uma forte identidade como filha e neta de imigrantes europeus. De modo geral, fui uma criança obediente e tive excelente desempenho acadêmico durante todos os meus anos de educação formal. Meu primeiro emprego, aos 15 anos, foi como auxiliar em nossa biblioteca pública local. Essa experiência, juntamente com o incentivo de minha mãe à fé em Cristo e ao amor pela leitura, fez do aprendizado e da descoberta minhas grandes fontes de prazer. Aos 16 anos, participei de uma viagem missionária de curto prazo à Nicarágua. Durante essa experiência, nasceu em mim o desejo de me envolver no ministério cristão em tempo integral. Imaginando que seguiria para missões médicas,

ingressei, em 1973, na Universidade Johns Hopkins, que na época era uma das principais instituições dos Estados Unidos para estudantes que se preparavam para cursar medicina. Foi ali que conheci Lourenço, que se tornaria meu marido. Juntos, estudamos na área de ciências e fundamos um grupo cristão no campus, que cresceu e se transformou em um próspero núcleo da InterVarsity (ABU no Brasil). Lourenço e eu nos casamos em 1976. Concluí minha graduação em três anos e meio e comecei a trabalhar na Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland como assistente de um epidemiologista que estudava a incidência de doenças cardíacas nos Estados Unidos. Nesse trabalho, aprendi a realizar pesquisas bibliográficas mais avançadas e passei a compreender como uma investigação fundamentada em evidências poderia melhorar a tomada de decisões em benefício dos pacientes e de seus cuidadores. Uma década mais tarde, Lourenço e eu concluímos, cada um, um mestrado na Escola de Missão Mundial do Seminário Teológico Fuller.

O Senhor nos abençoou com dois filhos, hoje adultos, a quem amamos e admiramos, e com três netos lindos e inteligentes.



2) [CMIW] **Qual é o seu ministério atual?**

Sou membro da Equipe Global de Pesquisa da One Challenge (OC), um grupo de homens e mulheres que amo e respeito. Esse trabalho vem após dezessete anos de ministério presencial no Brasil, onde Lourenço e eu fundamos o Departamento de Pesquisa da equipe da SEPAL (OC Brasil), e vinte anos vivendo no Reino Unido, de onde servimos às equipes da OC em todo o mundo por meio de pesquisa e treinamento. No Brasil, servimos à Igreja nacional ajudando a identificar vilarejos rurais, comunidades ribeirinhas e bairros urbanos sem igrejas ou com presença insuficiente de igrejas, visando à plantação de novas comunidades cristãs. Nosso trabalho ali era principalmente quantitativo, permitindo que seminários e denominações enviassem obreiros para os lugares de maior necessidade. Também começamos a realizar algumas pesquisas qualitativas, reunindo opiniões de pastores e líderes de igrejas sobre necessidades relacionadas ao discipulado e ao crescimento. Por meio de nossas responsabilidades no Brasil, aprendi a alimentar bancos de dados, criar gráficos, desenvolver sites, conduzir grupos focais, fornecer dados para profissionais de mapeamento, realizar entrevistas relevantes e preparar relatórios para líderes de igrejas com potencial para gerar impacto. Lourenço e eu levamos essas habilidades conosco quando fomos transferidos para nossa nova função no Reino Unido. Ali, dedicamos mais tempo a orientar e treinar pessoas que viviam e trabalhavam em locais considerados prioritários.

Agora, aos 70 anos, e com Lourenço parcialmente aposentado, dedico uma parte maior do meu tempo ministerial à oração por iniciativas missionárias estratégicas ao redor do mundo e à interação com pesquisadores que buscam orientação, perspectiva e encorajamento em seu trabalho.

3) [CMIW] Quais as contribuições que você realizou às missões mundiais que lhe trouxeram a maior satisfação?

Além de cultivar um casamento alegre e cheio de amor, criar dois filhos incríveis e amar e orar por pessoas envolvidas na expansão do Reino em todo o mundo, creio que minha maior contribuição para as missões mundiais foi ajudar a tornar o trabalho com informações mais reconhecido pela Igreja. Quando nos mudamos para o Brasil, em 1987, a pesquisa era considerada por muitos uma atividade secular. Algumas pessoas a viam até mesmo como algo contrário à direção do Espírito Santo. Essa postura de oposição era triste e contraproducente. De maneira simples, Lourenço e eu ensinamos e demonstramos que decisões ministeriais orientadas por dados podem ser prudentes e eficazes, produzindo maior fruto no ministério e maior glória para Deus. Por meio de nossos textos, ensino, relacionamentos e exemplo, assim como pelo trabalho de outras pessoas, a pesquisa e o trabalho com informações missionárias passaram a ser vistos como mais uma ferramenta útil dentro de um conjunto valioso de recursos para a tomada de decisões. Naturalmente, a pesquisa espontânea para auxiliar decisões tornou-se algo comum para a geração atual em praticamente todas as áreas da vida. Hoje, quase ninguém compra sequer uma escova de dentes sem antes fazer alguma pesquisa on-line. Por isso, essa mudança de paradigma na maneira como a Igreja enxerga a pesquisa tem sido, para nós, como uma convergência em um momento de kairós. Agradecemos a Deus pelo privilégio que ele nos concedeu de trabalhar nesse setor do esforço missionário mundial neste momento específico da história.

4) [CMIW] Que sonhos você tem para seus próximos dez anos de ministério?

Desde meu primeiro envolvimento com pesquisas epidemiológicas, passei a valorizar profundamente a importância de submeter a nós mesmos e nosso trabalho a uma avaliação honesta. Aquilo que fizemos alcançou o que desejávamos? Em que aspectos acertamos? Em que pontos falhamos? Por quê? Devemos tentar novamente? O que precisamos ajustar? Deveríamos experimentar outra abordagem? Minha percepção é que ainda há pouca pesquisa avaliativa sendo realizada nas igrejas e agências missionárias atualmente. Existem muitas razões compreensíveis para isso. A pesquisa avaliativa exige que os objetivos sejam esclarecidos logo no início, antes que qualquer intervenção comece. Ela requer acompanhamento periódico. Exige que a pessoa separe, de maneira mais altruísta, seu ego dos resultados. Também requer coragem para compartilhar os resultados com honestidade. Tudo isso demanda tempo, recursos e humildade. Estou disponível para ser usada pelo Senhor a fim de ajudar os pesquisadores missionários a permanecerem humildes e inclusivos; a serem pessoas de oração na maneira como formulam conclusões e sugerem relações de causa e efeito; e a agirem com sabedoria na apresentação dos resultados e na elaboração de recomendações. Demonstrar excelência na elaboração de definições iniciais, visualizar e, quando possível, possibilitar a quantificação do progresso, evitar posturas elitistas ou avaliações confusas — se o Senhor puder me usar para ajudar a promover essas práticas, continuo à disposição.

5) [CMIW] Existe alguma maneira que você quer ajudar a comunidade CMIW?

Sim, certamente. Amo esta comunidade e desejo ver Deus continuar a usá-la para sua glória. Mesmo que, aos 70 anos, as tarefas simples da vida exijam mais tempo e esforço, continuo encontrando alegria em ser serva do Senhor, sua filha, e em cooperar com ele conforme sua direção.

Olhando para a Palavra

Por Lourenço Kraft

“Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor.”

Tiago 3.1 (NVI)

É muito fácil para algumas pessoas relegarem o trabalho de pesquisa missionária a uma função secundária de apoio. No entanto, aqueles que coletam e analisam informações para a expansão do Reino de Deus assumem, automaticamente, o papel de influenciadores de outros cristãos, de maneira muito semelhante aos mestres. Essa é uma grande responsabilidade, que precisamos levar a sério, pois seremos julgados por Deus com maior rigor. Será que sentiremos o peso dessa responsabilidade ao preparar nossos relatórios e apresentar nossas recomendações? Que recebamos essas palavras como uma exortação para vivermos em santidade e utilizarmos todas as informações que obtemos com honestidade e para a glória de Deus.

Nota

Os boletins da CMIW incluem links para sites importantes relacionados ao conteúdo do boletim. A equipe editorial da CMIW está vigilante quanto às questões de segurança. Embora a maioria dos hiperlinks sejam escritos por extenso, links extremamente longos são incorporados ao texto. Encorajamos os leitores a sempre examinar os links incorporados antes de clicar, como um hábito de leitura eletrônica segura.

Detalhes finais:

- Pela graça e ajuda de Deus este boletim é produzido trimestralmente em português, espanhol e inglês.
- A equipe editorial é composta por Bert Hickman, Estefânia Kraft, Jennifer Poling, Lourenço Kraft e Rodrigo Tinoco.
- Por favor, envie sugestões para dialogarmos ou quaisquer outras ideias para o e-mail info-pt@globalcmiw.org.
- Edições anteriores podem ser encontradas no site <https://globalcmiw.org/pt-br/cmiwbulletin>.